

Culturas náuticas e ciências sociais no Brasil: um balanço da produção antropológica, histórica e arqueológica (Parte 2)*

Nautical cultures and social sciences in Brazil: a balance of anthropological, historical and archaeological production (Part 2)

Leandro Domingues Duran

Professor do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, pesquisador do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos (LAAA/UFS) e pesquisador voluntário do Ceans/Nepam/Unicamp.

RESUMO

O presente artigo apresenta a segunda parte de um balanço bibliográfico crítico acerca do histórico de produção acadêmica desenvolvida no âmbito da Antropologia, da História e da Arqueologia, no que se refere especificamente às pesquisas voltadas ao estudo das diferentes tradições culturais náuticas desenvolvidas nos vários espaços aquáticos no Brasil, enfocando suas principais escolhas temáticas e apontando os limites de suas abordagens. Nesta segunda parte, são abordados os estudos desenvolvidos no âmbito da História e da Arqueologia, além de uma breve consideração final sobre o conjunto da produção das diferentes áreas do conhecimento comentado.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia marítima; Arqueologia subaquática; Arqueologia marítima; História marítima

ABSTRACT

The present article provides the second part of an analysis about the history of academic research carried on in the field of Anthropology, History and Archaeology, specially referring to those researches focused on the study of different nautical cultural traditions developed in several aquatic environments in Brazil. The article outlines the main thematic choices pointing out the limits on their approaches. This second part focus on the studies developed in the field of History and Archaeology as well as provides a brief final consideration about the overall production in the different mentioned areas of knowledge.

KEYWORDS: Marine Anthropology; Underwater archeology; Maritime Archeology; Maritime History

* Artigo recebido em 24 de junho de 2016 e aprovado para publicação em 1ª de setembro de 2017.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se caracteriza como a segunda parte de um esforço de pesquisa que tem por objetivo geral apresentar um balanço bibliográfico crítico acerca do histórico de produção acadêmica desenvolvida no âmbito da História, da Antropologia e da Arqueologia, no que se refere especificamente às pesquisas voltadas ao estudo das diferentes tradições culturais náuticas desenvolvidas nos vários espaços aquáticos no Brasil. Tendo em vista a amplitude das discussões pretendidas, optou-se por subdividi-lo em duas partes, a saber: a primeira, esteve focada na apresentação dos conceitos e problemática básica que motivou o estudo, além de ter apresentado as discussões estabelecidas no âmbito da Antropologia; a segunda, está voltada para essa mesma questão, dessa vez no âmbito das disciplinas da História e da Arqueologia. Em todos os casos, além de fornecer um apanhado sobre a bibliografia referencial básica de cada universo científico, o estudo indica as principais escolhas temáticas e aponta os limites de cada abordagem.

PAISAGENS NÁUTICAS BRASILEIRAS: TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS

No âmbito da historiografia, a grande maioria dos trabalhos de história marítima que foram publicados está voltada para análises mais abrangentes que exploram o papel infraestrutural da navegação de cabotagem, fluvial e transoceânica como equipamento fundamental na organização e dinamização econômica, e também sua função como instrumento de dominação e integração política, mas que pouco elucidam sobre as fainas marítimas e fluviais e seu mundo material e simbólico especializado. Assim, “o mar” ou “os rios”, não são ali encarados como espaços prioritários de reflexão, não são vistos e entendidos enquanto *locus* social, mas sim como conjuntura ambiental sobre a qual se impõem temáticas mais abrangentes de discussão (e.g. MEDEIROS, 1938; HOLANDA, 1945; PAULA, 1971; DOLES, 1972; DOURADO, 1973; CONRAD, 1985; ARRUDA, 1999; CANABRAVA, 1984; MEDRANO, 1989; 2005;

ALMEIDA, 1989; BRANDÃO, 1991; SILVA, 1999; RODRIGUES, 2005; SANTOS, 2000; BRAZIL, 1999; CHAVES, 2001; EL-KAREH, 2002; 2003; SAMPAIO, 2006; AMORIM, 2004; GREGÓRIO, 2008; GOULART FILHO, 2009; OLIVEIRA, 2009; REIS *et al.*, 2010).

As abordagens que primeiro se ocuparam da cultura náutica estiveram atreladas a uma produção de cunho institucional, notadamente aquela gestada no interior dos quadros da Marinha do Brasil, particularmente no Serviço de Documentação da Marinha e na atual Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Sobre essa produção militar, o historiador naval Francisco Eduardo Alves de Almeida (2012) apresenta um panorama, demonstrando como ela se iniciou ainda no século XIX, com os livros-textos das escolas navais, e ainda se mantém ativa atualmente através de artigos, esses últimos no âmbito das publicações seriais *Revista Marítima Brasileira*, *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil* e *Revista Navigator*. Aqui, as referências pontuais às coleções como as de livros, como as clássicos, *Subsídios para a História Marítima Brasileira* (Brasil, 1938-1972) e, mais recentemente, sob a coordenação de Max Justo Guedes, a *História Naval Brasileira* (1975-1985). De certa forma, e talvez paradoxalmente, essa produção, apesar de especializada em temáticas náuticas foi, e ainda é, fortemente marcada pelo viés de um mar a serviço das estruturas agro-cêntricas do Estado brasileiro, podendo ser definida como uma história política do mar, dominada por práticas memorialistas em geral acríticas e fortemente voltadas para a formação de cultos heroizantes de eventos e personalidades. Nas palavras de Almeida:

A História Naval se apresenta ainda como um domínio desconhecido no campo da História. Em que pese a diversidade de grupos de pesquisadores em História e da multiplicidade dos temas de pesquisa nos últimos anos, a História Naval permanece com pouca produtividade, sendo escrita em sua maioria por historiadores militares e pesquisadores ligados a grupos da Marinha que, embora

tenham grande importância para o desenvolvimento desse domínio, ainda trazem consigo uma limitação institucional e um relativismo não condizente com a evolução metodológica e interpretativa da própria disciplina (2012, p. 63).

Esse quadro, no entanto, vem mudando gradual e progressivamente, graças a uma maior aproximação da Marinha com a academia, muito motivada pelo processo de democratização pelo qual passou o País durante a década de 1980; essa aproximação se deu tanto pela formação de militares de carreira em cursos de graduação e pós-graduação ofertados nas variadas instituições de ensino superior quanto pela participação de acadêmicos nas mais diferentes publicações organizadas por aquelas instituições militares.

No que se refere à chamada “Academia”, a despeito de alguns esforços pontuais, somente mais recentemente é que ela passou a incorporar os ambientes aquáticos enquanto *locus* social a seu rol de temas de pesquisa (lembremos da reclamação de Amaral Lapa, citada anteriormente), ainda que o esteja fazendo com muita rapidez.

Dentre aqueles que se dedicaram a focar o universo das culturas náuticas históricas, podemos perceber a ocorrência de alguns grandes temas de discussão. O primeiro diz respeito ao grupo de historiadores que se dedicaram a pensar sobre as especificidades da faina marítima, enfocando a vida a partir da perspectiva do interior das embarcações. As dificuldades de sobrevivência a bordo de viagens transoceânicas, as desigualdades sociais, as habilidades necessárias e os perigos envolvidos, o aspecto emocional das navegações fluviais e as tensas relações com a sociedade terrestre foram alguns dos aspectos abordados por essa historiografia (e.g. MICELLI, 1997; RODRIGUES, 1999; 2005; RAMOS, 2000; SILVA, 2001; HUTTER, 2005; LEANDRO, 2007; MOLET, 2007; DINIZ, 2010).

As relações de trabalho estabelecidas no interior das Marinhas Mercante e Militar também foram temas enfocados pelos historiadores navais. No último caso, as pesquisas têm visado às táticas de recrui-

tamento e de controle social implementadas na Armada Nacional, assim como as formas de resistência desenvolvidas pelos marujos, sendo a revolta de 1910 um marco referencial importante nessa produção. Com relação à Marinha Mercante e às empresas privadas, a questão se desenvolveu mais para a discussão acerca do processo de proletarização dos homens do mar e sua inserção como categoria profissional, com destaque para o papel dos jangadeiros cearenses em sua luta pelos direitos trabalhistas, e os remeiros do Rio São Francisco (e.g. DORÉ, 1973; SILVA, 1982; MEDRANO, 1997; RODRIGUES, 1999; SILVA, 1989; 2001; NEVES, 1998; 2006; ARIAS NETO, 2001a; 2001b; SOUZA, 2002; NASCIMENTO, 2001; 2002; FONSECA, 2003; SALES, 2005; OLIVEIRA, 2005; LEANDRO, 2007; PEREIRA, 2007; OLIVEIRA, 2008; 2010; 2012; NEVES, 2007; DINIZ, 2010).

A pesca também não foi esquecida pelos historiadores e, a exemplo do âmbito da socioantropologia, foi uma das primeiras práticas marítimas que recebeu atenção, ainda que não tenha tido uma continuidade reflexiva. A chamada “pesca” da baleia e as armações estabelecidas ao longo da costa brasileira durante o período colonial dominaram a atenção dos pesquisadores, muito provavelmente devido a sua oficialidade enquanto monopólio régio, o que lhe garantia um *status* de tema legítimo de inquirição da história oficial. Outro fator importante nessa escolha está relacionado ao fato de que esse controle régio garantiu a existência de importantes registros documentais produzidos pelo aparato burocrático estatal colonial; além disso, a monumentalidade material que nos foi legada por essa atividade, através de diferentes ruínas presentes em diversos pontos do litoral brasileiro, pode ter sido, também, um fator diferencial para essa escolha. Outros tipos de pesca encontraram espaço bem mais reduzido e somente mais recentemente vem despertando o interesse dos historiadores. Em ambos os casos, os trabalhos mantêm uma relação de proximidade com os elementos materiais da faina pesqueira, sejam eles os diferentes equipamentos arquetônicos das antigas armações, sejam

os botes baleeiros ou as pequenas embarcações utilizadas para esse fim (e.g. BOITEUX, 1914; ELLIS, 1958; 1969; SILVA, 1988; SALES, 2005; MUNIZ, 2005).

Os últimos dois pontos explorados pela historiografia da faina naval são os que mais interessam a este artigo por sua relação direta com a cultura material. O primeiro desses dois pontos diz respeito à construção naval e aos equipamentos de sinalização náutica. Os arsenais foram estudados de forma mais ou menos extensa, mas, a exemplo da pesca, as instituições reais foram as que receberam uma abordagem mais sistemática, sendo a prática privada abordada apenas marginalmente. Característica desses trabalhos são as discussões sobre a localização e as relações de produção ali estabelecidas. Com relação à história do desenvolvimento tecnológico relacionado aos equipamentos de sinalização náutica, os estudos são poucos, mas muito profundos em termos descritivos, destacando-se o tratamento dado aos faróis náuticos e suas sucessivas transformações (e.g. A CONSTRUÇÃO..., 1918; LOPES, 1945; GREENHALGH, 1951; 1965; LACURTE JÚNIOR, 1956; MACHADO, 1979; LAPA, 2000; DANTAS, 2000; 2002; TELLES, 2001; MELLO, 2009; MALVASIO, 2009; GOULART FILHO, 2011; CORNEJO, 2012; DE MARTINI, 2014).

Por fim, um grupo de estudos vem se dedicando ao estudo de equipamentos náuticos específicos. Em geral, essas abordagens estiveram voltadas para a discussão da história dos instrumentos da navegação, para a discussão da importância militar na evolução tecnológica, tanto com relação à propulsão das embarcações militares quanto no que se refere aos equipamentos bélicos disponíveis, discussão de tipologias e/ou o que poderíamos chamar de biografias de embarcações pontuais. De cunho muito descritivo, ela muitas vezes incorporou, em diferentes graus, a questão da materialidade em suas reflexões. Como não poderia deixar de ser, destacam-se, nessa historiografia, abordagens associadas ao universo militar e à guerra no mar (e.g. BOITEUX, 1913; 1922; 1954; COSTA, 1952; MAIA, 1965; LAPA, 1973; BARATA, 1975a; 1975b; GUEDES, 1997; DE MARTINI, 2015; BARROS, 2015; VAL, 2007;

2015; PEDRO, 1996; MARTINS FILHO, 2010; FARIAS; PEREIRA, 2014; ARAÚJO, 2015; FRAGA, 2013; MALVASIO, 2012; LISBOA, 2012; ALMEIDA, 2007; CESAR, 2009).

A faina naval de origem privada também encontrou espaço, principalmente nas últimas décadas. Assim, temos: o comentário histórico de João Torres intitulado "O primeiro barco de vapor no Brasil (1905/1906)"; o artigo "A primeira machina a vapor introduzida no Brasil e o primeiro barco a vapor que sulcou as águas brasileiras (1936)", de Edgard Falcão; a obra *Navios na costa: iconografia náutica da costa catarinense* (1994), de Pereira Filho; *O vapor fluvial* Benjamim Guimarães e a venda de 1938 (2005), do economista Fernando Machado; e *O Navio* Fernandes Vieira (2008), de Maria Brazil e Luiz Pereira. Além deles, temos Barata (1975a; 1975b), o trabalho de maior fôlego até então produzido sobre o assunto, enfocando diferentes tipos transoceânicos do Período Colonial, como a caravela, a nau, o galeão e o caravelão; Horsch (1981), que lista alguns tipos mencionados por viajantes; Hutter (1994) que, limitada pela natureza da publicação, faz pouco mais que arrolar tipos de embarcações e referir-se genericamente sobre números relacionados às frotas; Pereira Filho (1994), de caráter regional e pouco interpretativo; e Rodrigues (2005), que, embora com pouco fôlego, foi quem melhor abordou a questão, procurando entender o navio negreiro enquanto uma arquitetura cronologicamente dinâmica.

A despeito dessas contribuições, o campo foi muito pouco explorado. Como bem observou Alberto Silva sobre a questão do navio negreiro em seu *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África* (2003):

Mesmo com relação a esse navio, nunca pus os olhos num estudo sistemático a ele dedicado, no qual se recolhessem, analisassem e completassem as informações que temos dispersas sobre a evolução, ao longo de mais de trezentos anos, dos tipos e tamanhos das embarcações empregadas no tráfico, seu fabrico, suas tripulações, sua logística e o manejo econômico (2003: 13).

DE NAUFRÁGIOS A SÍTIOS – A ABORDAGEM ARQUEOLÓGICA

Na Arqueologia, a preocupação com as culturas marítimas é ainda muito mais recente na cena acadêmica nacional do que nas demais ciências sociais. É significativo observarmos que a primeira pesquisa com preocupações de cunho arqueológico de um sítio submerso só foi levada a cabo em território nacional entre os anos de 1977/78, quando o arqueólogo Ulysses Pernambucano atuou na orientação de equipes de mergulhadores da Marinha e de uma empresa comercial de salvatagem na exploração dos restos do Galeão *Sacramento*, afundado em 1668, em Salvador. A medida foi motivada pela escandalosa ação de mergulhadores privados que vinham recorrentemente pilhando artefatos do sítio e vendendo-os a colecionadores nacionais e estrangeiros (MELLO NETO, 1977; 1978). A participação do arqueólogo, no entanto, encontrou sérias limitações pelo fato de ter atuado na superfície, sem contato direto com a jazida arqueológica, prática comprovadamente ineficaz desde as experiências realizadas por Fernand Benôit no naufrágio de *Gran Conglué* na década de 1950, mesmo com o emprego de um sistema de vídeo (DIOLÉ, 1958; HOFFMANN, 1987; BLOT, 1996; RAMBELLI, 2008; DURAN, 2012). Nesse sentido, os resultados obtidos estiveram relacionados com as antigas práticas de recuperação de objetos, acompanhada de um rudimentar mapeamento das principais estruturas arquiteturais da embarcação.

Uma segunda etapa dos trabalhos foi realizada em 1986, dessa vez com a participação do arqueólogo subaquático Luiz Fernando de Castro Cunha (CUNHA, 1990); o fato desse arqueólogo mergulhar, no entanto, não parecer ter tido maior repercussão nos resultados científicos da pesquisa, que se manteve atrelada às perspectivas de ilustração da história trágico-marítima. Intervenções pontuais de fiscalização foram levadas a cabo pela Marinha em outros projetos associados à salvatagem sem, no entanto, terem gerado pesquisas arqueológicas substanciais (RAMBELLI, 2002; 2008; RAMBELLI; FUNARI, 2007; SOUZA, 2010;

SILVA, 2011). Entre o final dos anos 1980 e início dos anos de 1990, apenas, foi que surgiu a primeira tentativa do principal órgão governamental responsável pela preservação do patrimônio histórico, arqueológico e artístico do Brasil, o então SPHAN, com a elaboração do Projeto Archenave, sob a orientação do antropólogo Pedro Agostinho, voltado para o inventário etnográfico e arqueológico do patrimônio cultural subaquático e dos tipos náuticos em processo de desaparecimento (AGOSTINHO, 1988-1989). Infelizmente tal projeto não passou do delineamento de suas proposições iniciais.

Nesse sentido, a construção desse campo em moldes efetivamente científicos exigidos pela disciplina só viria quase dez anos mais tarde, com o início do projeto de mestrado de Gilson Rambelli em 1993, junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (RAMBELLI, 1998; 2003). O trabalho desse pesquisador mudou o panorama da questão no País, dissipando o preconceito e a inanição da cena acadêmica nacional sobre a matéria (DURAN, 2008; SILVA, 2011). O espaço de discussão e pesquisa aberto foi crucial para o surgimento de novas pesquisas acadêmicas, inclusive em outras áreas do conhecimento e que ampliaram a base de reflexão, deram força à criação dessa área de pesquisa (e.g. BAVA-DE-CAMARGO, 2002; CALLIPPO, 2004; DURAN, 2008; SOUZA, 2007; 2010; GUIMARÃES, 2009; TORRES, 2010; SILVA, 2011); parte desses pesquisadores fundou o Centro de Arqueologia Náutica e Subaquática (Ceans), atualmente atrelado ao Nepam/Unicamp.

Característica fundamental que marcou a atuação desde cedo, principalmente daquele grupo de pesquisadores vinculado ao Ceans, foi seu compromisso com uma prática arqueológica que compreende e assume seu papel enquanto instrumento de transformação social, ética e politicamente engajada no que se refere à proteção do patrimônio cultural subaquático (sobre esse tema vide RAMBELLI, 2006; 2007; 2008; RAMBELLI; FUNARI, 2007). A ação política do Ceans, através da divulgação do *Livro Amarelo – Manifesto Pró-Patrimônio Cultural Subaquático Brasileiro*

(2004) e das divulgações científicas organizadas pela jornalista Glória Tega Calippo, focaram criticamente a atual legislação brasileira (Lei nº 10.166/00) que autoriza a exploração comercial das jazidas arqueológicas submersas, e inspiraram propostas de alteração da legislação e a adoção de uma nova postura por parte do principal órgão de preservação do patrimônio cultural subaquático no País, o IPHAN.

No que se refere à produção científica da Arqueologia sobre as culturas náuticas, como não poderia deixar de ser, o foco recai, prioritariamente, sobre os trabalhos voltados para o mapeamento e análise de sítios arqueológicos de naufrágio, de abandono, ou o estudo de tradições tipológicas regionais. Nesse sentido, Rambelli (2003; 2006); Rambelli *et al.* (2000); Souza (2007; 2010; 2014), Torres (2001; 2003; 2006); Cunha (2008) e Duran *et al.* (2010) incluíram em seu foco o estudo de embarcações ou de processos vinculados especificamente a sítios de naufrágios. Essa produção nos mostra o potencial da área, mas ainda tateia exploratoriamente. Mais uma vez, Rambelli teve a primazia das ações, com sua análise de um exemplar de canoa indígena encontrado em Bragança Paulista, SP (2000); segundo suas próprias palavras:

Iniciamos nossa pesquisa constatando a inexistência de estudos específicos que tratam desta temática no Brasil. Daí destacamos, do ponto de vista arqueológico (arqueométrico), o pioneirismo de nosso trabalho, que dá um primeiro passo frente a possibilidade de conhecermos mais sobre as técnicas dessas construções navais brasileiras (RAMBELLI *et al.*, 2000, p.32).

Rambelli também abordou um sítio submerso de grandes proporções, notadamente os restos do Vapor *Conde D'Áquila*, naufragado junto à cidade de Cananeia, no final do século XIX (RAMBELLI, 2003), trabalho exploratório voltado para a demonstração do potencial informativo desse tipo de sítio, para a comunidade arqueológica brasileira, tendo realizado o mapeamento das caldeiras

e dos vestígios da roda de pás, assim como algumas intervenções. Em 2006, o mesmo pesquisador lançou sua contribuição sobre um tipo de embarcação transoceânica, notadamente os navios *tumbeiros*, envolvidos no tráfico de escravos entre a costa africana e o Brasil, baseando-se essencialmente em análises textuais e iconográficas. Além dele, Duran *et al.* (2010), em um trabalho de "arqueologia de contrato", identificaram e analisaram parcialmente um sítio de naufrágio na região de Santa Catarina, procurando relacioná-lo com os processos de Conquista e navegação ali instituídos desde o início do século XVI.

No Estado do Rio Grande do Sul, Torres fez uma abordagem oceanográfica a respeito de naufrágios históricos do Rio Grande do Sul (TORRES, 2001), cujos resultados nortearam sua comunicação "Mapeamento e caracterização dos sítios arqueológicos de naufrágio no litoral centro-sul" daquele mesmo estado (TORRES, 2003); o mesmo pesquisador também atuou na análise de um dos exemplares náuticos tombados pelo IPHAN, notadamente a "canoa de pranchão", ambas publicações de fôlego bem limitado (TORRES, 2006). Outra referência importante fica por conta dos trabalhos desenvolvidos por Carlos Rios Souza na Universidade Federal de Pernambuco. Ali, o pesquisador desenvolveu seu trabalho de mestrado que foi totalmente dedicado à caracterização e identificação de um sítio arqueológico de naufrágio em particular, o *Lamarão I*, localizado no porto de Recife (SOUZA, 2007); seu trabalho de doutoramento, desenvolvido na mesma instituição, foi mais abrangente, discutindo, a exemplo de Torres, os processos causadores de naufrágios, tendo incluindo em sua análise, além de um panorama generalista sobre técnicas construtivas e sistemas de propulsão ao longo do período histórico, abordagens pontuais sobre outros dois naufrágios, o Galeão *Serrambi*, e o Vapor *Pirapama* (SOUZA, 2010). Esse mesmo pesquisador, em conjunto com Amanda Tavares (2014), explorou a potencialidade de pesquisa de acervos particulares formados pela prática colecionista de mergulhadores profissionais e amadores, abrindo uma porta inte-

ressante de resgate de informações que, de outra forma, continuariam perdidas.

Vale lembrar, também, os trabalhos de um grupo de novos pesquisadores que vêm sendo formados junto ao Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos (LAAA) da Universidade Federal de Sergipe, com a produção de dissertações e textos monográficos também voltados para a temática dos sítios de naufrágios e da Arqueologia Náutica. Os mestrados de Luana Goulart, que discute processos de formação de sítios arqueológicos de naufrágios (2014), e Freire (2011), em uma abordagem de cunho mais abrangente, destacam-se em relação aos demais devido ao grau de complexidade acadêmica exigida. No que se refere às monografias de conclusão de curso (TCCs), a despeito de uma maior simplicidade técnico-científica que marca esse tipo de produção, os textos de Otávio Arruda Porto (2010) sobre os naufrágios da Segunda Guerra Mundial; de Genilson Silva (2013) sobre os saveiros fluviais de Laranjeiras; de Santos Júnior (2013), voltado para o estudo da coleção de canhões pertencentes ao Memorial de Sergipe, da UNIT, recuperados de um sítio submerso não identificado, no Rio São Francisco; e de Carvalho (2014) e Oliveira (2015), com abordagens voltadas para uma embarcação da Galileia do ano I d. C. (CARVALHO, 2014; OLIVEIRA, 2015), são exemplos do desenvolvimento do interesse acadêmico pela temática de pesquisa.

Por fim, mais recentemente, dois projetos levados a cabo por ONGs brasileiras, com o apoio de instituições de pesquisa e arqueólogos reconhecidos, têm realizado explorações em dois grandes naufrágios históricos ocorridos em águas catarinenses. O primeiro, relacionado ao Projeto de Arqueologia Subaquática (PAS), que contou com o suporte do arqueólogo Chico Noelli, escavou e recuperou parte dos elementos estruturais e material associado a uma embarcação do século XVIII naufragada na chamada “Praia dos Ingleses” (NOELLI *et al.* 2009; 2011). O segundo projeto, levado a cabo pela ONG Barra Sul, que contou com a participação da arqueóloga Deisi Farias, se dedicou recentemente a trabalhos de prospecção arqueológica das porções submer-

sas adjacentes à ponta sul da Ilha de Santa Catarina, gerando a identificação do sítio SC-Naufragados-01, onde foram realizadas intervenções pontuais de retiradas de peças-diagnósticas que, por sua vez, parecem correlacionar o sítio com a frota quinhenista de Diogo Flores de Valdés (CORREA, 2011; FARIAS *et al.*, 2012).

PALAVRAS FINAIS

O levantamento acima apresentado não pode ser considerado, obviamente, a totalidade da produção antropológica, historiográfica e arqueológica brasileira sobre um tema tão abrangente como é o da “cultura náutica”. Entretanto, entendemos que ele inclui referências essenciais de cada campo de investigação científica mencionado para a temática proposta, e que permite uma perspectiva ampla das diferentes abordagens que vêm sendo construídas, assim como seus limites. De uma maneira geral, no que se refere à produção acadêmica das Ciências Sociais, podemos perceber claramente a existência de um crescimento exponencial do tema principalmente a partir da década de 1980. Esses trabalhos nos apresentam um complexo universo e enfocam o mundo náutico a partir de diferentes ângulos.

No entanto, pelo que se viu, se, por um lado, a temática das culturas náuticas encontra-se em pleno processo de desenvolvimento, chamando a atenção de antropólogos, historiadores e arqueólogos, por outro, o trajeto para a sua consolidação ainda é longo. Nesse aspecto, ainda nos falta a realização de um amplo mapeamento que se fundamente em uma abordagem transdisciplinar com base na Antropologia, na História e na Arqueologia, visando à proposição de interpretações sobre os processos sociais que formaram as diferentes paisagens culturais náuticas do Brasil. Carecemos de uma grande base de dados referencial sobre os diferentes tipos de embarcações, da tralha náutica específica a cada uma, dos espaços geográficos de operação e dos usos e costumes sociais, incluindo os simbólicos, que foram construídos como parte de sua operacionalização.

O maior avanço obtido até aqui talvez esteja relacionado com o desenvolvimento das recentes políticas públicas patrimoniais e projetos não governamentais voltados para a identificação e proteção dos tipos tradicionais de embarcações ainda em operação nas vias aquáticas brasilei-

ras. A respeito do patrimônio de eras preteritas, entretanto, somos da opinião de que o mesmo avanço, infelizmente, não ocorreu e os problemas com a proteção legal dos sítios de naufrágio ainda pesam sobre os ombros dos gestores públicos do patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"A Construção naval no Brasil quando Colônia, Império e República 1555-1918". *Liga Marítima Brasileira*, nº 135, setembro, 1918.

AGOSTINHO, P. "Para um Programa de Pesquisa sobre Arqueologia, História e Etnografia Navais da costa brasileira". *O Arqueólogo Português*, Série IV, 6/7, pp. 367-377, 1988-1989.

ALMEIDA, F. E. A. de. "A historiografia naval brasileira (1880-2012): uma visão panorâmica". *Revista Brasileira de História Militar*, ano III, nº 08, pp.30-64, 2012.

_____. "A situação material dos navios de guerra da Armada Nacional ao final de 1917: uma análise crítica". *Navigator*: subsídios para a história marítima do Brasil, v.03, nº 05, pp.07-19, 2007.

ALMEIDA, S. *A Companhia Pernambucana de Navegação*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, 1989.

AMORIM, M. L. de. *O segundo eldorado brasileiro, navegação fluvial e sociedade do território do ouro. De Araraitaguaba a Cuiabá (1719-1838)*. Dourados, 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004.

ARAÚJO, J. S. de. "Entre a vela e o vapor, entre a madeira e o ferro: a transição, a construção e a ação dos *Ironclads* na Marinha Imperial Brasileira 1850-1865". *Navigator*. Rio de Janeiro: vol.11, nº 21, p. 09-22, 2015.

ARIAS NETO, J. M. *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional (1867-1910)*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2001a.

_____. "Violência sistêmica na organização militar do Império e as lutas dos marinheiros imperiais pela conquista de direitos". *História: Questões & Debates*, n. 35, pp. 81-115, 2001b.

ARRUDA, J. J. "Frotas de 1749: um balanço". *Vária História*. Belo Horizonte: nº 21, pp. 190-205, 1999.

BARATA, J. da G. P. Os Navios. In: GUEDES, M. J. (Coord.) *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: 1975a.

_____. "Um caso típico brasileiro – os caravelões". In: GUEDES, M. J. (Coord.) *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: 1975b.

BARROS, A. I. F. "A atuação das chatas artilhadas no decorrer da Guerra do Paraguai". *Navigator*, vol.11, nº 22, pp.91-104, 2015.

BAVA-DE-CAMARGO, P. *Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira*. Cananeia/Iguape, SP. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

BLOT, J. Y. *Underwater Archaeology – Exploring the world beneath the sea*. New York: Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1996

BOITEUX, L. A. *Táctica nas campanhas navaes nacionais*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

_____. *A Marinha Imperial e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1954.

_____. *A Marinha de guerra brasileira nos reinados de D. João VI e D. Pedro I: (1807-1831)*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1913.



_____. "A pesca da baleia". *Revista trimestral do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, v.3, p. 4-16, 1914.

BRANDÃO, Jesus da Silva. *História da navegação em Mato Grosso*. Cuiabá: Livro Mato-grossense, 1991.

BRASIL. Ministério da Marinha. *Subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: SDGM, 1938-1972.

BRAZIL, M. do C. *Rio Paraguai: o "mar interno" brasileiro*. São Paulo: USP, 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1999.

BRAZIL, M. do C.; PEREIRA, L. A. S. "O Navio Fernandes Vieira: memória social e história social no sul de Mato Grosso". *Revista Territórios e Fronteiras*, vol. 01, nº 02, pp.101-132, 2008.

CALIPPO, F. R. *Os sambaquis submersos de Cananeia: um estudo de caso de arqueologia subaquática*. São Paulo: 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, 2004.

CANABRAVA, A. P. *O comércio português no Rio da Prata (1580-1640)*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1984.

CARVALHO, J. V. A. de. *O Barco da Galileia: uma reflexão sobre a Arqueologia Bíblica no ambiente aquático*. Laranjeiras, 2014. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Arqueologia/UFS, 2014.

CESAR, W. C.. "Velas e canhões no expansionismo holandês do século XVII". *Navigator*, v. 05, nº 10, pp. 23-37, 2009.

CHAVES, C. de L. *De um porto a outro: a Bahia e o Prata (1850-1920)*. Salvador: 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2001.

CONRAD, R. *Tumbeiros: o tráfico de escravos para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORNEJO, C. *Nau Brasilis: A história, a trajetória e a retomada da construção naval no Brasil*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2012.

CORREA, F. F. A. *Arqueologia Subaquática em Florianópolis-SC: atividades desenvolvidas pelo projeto Barra Sul na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis*. Lisboa, 2011. Trabalho de conclusão de curso – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Subaquática/Instituto Politécnico de Tomar e Universidade Autónoma de Lisboa, 2011.

COSTA, L. M. da. *Construções navais da Bahia no século 17: o Galeão Nossa Senhora do Pópulo*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1952. (Centro de Estudos Baianos, 17).

CUNHA, L. F. de C. "De volta ao passado, mergulhando sobre o Galeão Sacramento". *Revista Marítima Brasileira* v. 110, nº 4/5, Rio de Janeiro: 1990.

CUNHA, L. O. C. *Análise dos remanescentes esqueléticos recuperados em naufrágios da costa brasileira: Galeão São Paulo (1652) e sítio PAPI-01-SC (Nau S.S. Del Pilar – séc. XVIII)*. Rio de Janeiro: 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/Museu Nacional, 2008.

DANTAS, N. et al. *Luzes do Novo Mundo: história dos faróis brasileiros*. Rio de Janeiro: Luminnati Editora, 2002.

_____. *História da sinalização náutica brasileira e breves memórias*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2000.

DE MARTINI, F. R. *Construir navios é preciso, persistir não é preciso: a construção naval militar no Brasil entre 1850 e 1910 na esteira da Revolução Industrial*. São Paulo: 2014. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, 2014.

_____. "A corrida pela tecnologia para controlar o Prata, na rota de Riachuelo". *Navigator*, vol.11, nº 22, p. 55-69, 2015.

DINIZ, D. et al. *Rio São Francisco: vapores e vapozeiros*. Pirapora/MG: edição dos autores, 2010.

DIOLÉ, P. *Aventura Submarina*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958.

DOLES, D. *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1972.

- DORÉ, B. *A epopeia dos jangadeiros, nossos irmãos do mar*. Fortaleza: ed. do autor, 1973.
- DOURADO, W. de C. *Pequena História da Navegação do Rio São Francisco*. Salvador: Editora Tipografia Beneditina, 1973.
- DURAN, L. D. *Arqueologia Marítima de um Bom Abrigo*. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- _____. "Arqueologia subaquática ou arqueologia marítima?: Definindo conceitos, contextualizando práticas e assumindo posições". *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, vol. 06, nº 2, pp. 09-34, 2013.
- DURAN, L. *et al.* "O naufrágio das nozes (Palhoça, SC): um estudo de caso de arqueologia subaquática de contrato no Brasil". *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, vol.4, nº1, pp.11-33, 2010.
- EL-KAREH, A. C. "A Companhia de Paquetes a Vapor e a centralidade do poder monárquico". *Revista de História Econômica & História de Empresas*, vol.V, nº 2, 2002.
- _____. "O Rio de Janeiro e as primeiras linhas transatlânticas de paquetes a vapor: 1850-1860". *Revista de História Econômica & História de Empresas*, vol.VI, nº 2, 2003.
- ELLIS, M. *A baleia no Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP; Melhoramentos, 1969.
- _____. "Aspectos da pesca da baleia no Brasil colonial". São Paulo: *Revista de História*, Ano XIV, p. 1958. (Separata).
- FALCÃO, E. C. "A primeira machina a vapor introduzida no Brasil e o primeiro barco a vapor que sulcou as águas brasileiras". *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, vol.62, 1936.
- FARIAS, D. *et al.* "Projeto Resgate Barra Sul: pesquisa arqueológica subaquática no sul de Florianópolis – SC". *Navigator*, vol. 08, nº 16, pp.120-135, 2012
- FARIAS, W. G.; PEREIRA, P. N.. "A Marinha de Guerra na Amazônia: atuação e questões de modernização técnica (final do século XIX e início do XX)". *Navigator*. Rio de Janeiro, vol.10, nº 20, p. 55-69, 2014.
- FONSECA, P. S. *A presiganga real (1808-1831): punições da Marinha, exclusão e distinção social*. Brasília, 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História/UnB, 2003.
- FRAGA, T. M d'O. X. "A tipologia da fragata portuguesa no século XVII: interrogações e propostas". *Navigator*, vol. 09, nº 17, pp.97-108, 2013.
- FREIRE, L. F. *Nas águas do velho Chico: arqueologia de ambientes aquáticos no Baixo Rio São Francisco, Sergipe/Alagoas*. (Projeto de pesquisa) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFS. Laranjeiras: 2011.
- GOULART, L. B. G. de J. *Processos de Formação Arqueológica de sítios de naufrágio*. São Cristóvão, 2014. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Arqueologia/UFS, 2014.
- GOULART FILHO, A. "Navegação fluvial a vapor em Santa Catarina e o desempenho da Companhia de Navegação Fluvial a Vapor". *Esboços*, vol.16, nº 21, pp.159-180, 2009.
- _____. "História econômica da construção naval no Brasil: formação de aglomerado e performance inovativa". *Economia*, Brasília (DF), v. 12, nº 2, p.309–336, mai/ago 2011.
- GREENHALGH, J. *O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na história: 1763-1822*. Rio de Janeiro: A Noite, 1951.
- _____. *O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História: 1822-1889*. Rio de Janeiro: IBGE, 1965.
- GREGÓRIO, V. M. *Uma face de Jano: a navegação do Rio Amazonas e a formação do Estado Brasileiro (1838-1867)*. São Paulo: 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2008.
- GUEDES, M. J. *Relíquias navais do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1997.

GUEDES, M. J. (Coord.) *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975-2001.

GUIMARÃES, R. S. *A Arqueologia em sítios submersos: estudo do sítio depositário da enseada da Praia do Farol da Ilha de Bom Abrigo, SP*. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. São Paulo: 2009.

HOFFMANN, G. *Mundos Sumergidos: uma historia de la arqueologia submarina*. Tradução de Jesus Ruíz. Barcelona: Planeta, 1987.

HOLANDA, S. B. de. *Monções*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1945. (Coleção Estudos Brasileiros da C.E.B. Ser. A, 3).

HORSCH, Rosemarie. "As embarcações de madeira do Rio Amazonas (séculos XVI-XVII)". In: DEREK, Howse (Ed.), *Five Hundred Years of Nautical Science, 1400-1900: proceedings of the Third International Reunion for the History of Nautical Science and Hydrography held at the National Maritime Museum*. London: National Maritime Museum, Greenwich, 1981.

HUTTER, L. M. "Embarcações". In: SILVA, M. B. M. N. (Coord.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994.

_____. *Navegação nos séculos XVII e XVIII – Rumo: Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. (Estante USP – Brasil 500 anos nº 8)

LACURTE JÚNIOR, A. Trem Naval de Mato Grosso: Arsenal de Marinha de Mato Grosso, Arsenal de Marinha de Ladário, Comando Naval de Mato Grosso e 6º Distrito Naval. In: Serviço de Documentação da Marinha: *Navigator*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1956, v. 15. pp.103-29.

LAPA, J. R. do A. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Editora Hucitec; Editora da Unicamp, 2000. (Estudos Históricos, 42).

LEANDRO, J. A. "Cultura marítima: marinheiros da Baía de Paranaguá, Sul do Brasil, século XIX". *Revista Internacional de Folkcomunicação*, vol. 5, n. 10, 2007.

LISBOA, R. A. P. "Royal Navy: evolução e superioridade do Poder Naval britânico na era dos navios a vela". *Navigator*, vol. 08, nº 16, pp. 92-104, 2012.

LIVRO AMARELO: *Manifesto pró-patrimônio cultural subaquático brasileiro*. Campinas: CEANS/Unicamp NEE-Arqueologia, junho de 2004.

LOPES, T. *Arsenal de Marinha do Pará: sua origem e sua história*. Belém: s.n., 1945.

MACHADO, F. da M. O Vapor fluvial *Benjamim Guimarães* e a venda de 1938. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, nº XXVII, , pp. 348-352, 2005.

MACHADO, J. M. P. *O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina: uma resposta ao mercado local 1905-1950*. Florianópolis, 1979. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.

MAIA, J. A. *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

MALVASIO, N. P. *Distantes estaleiros: a criação dos arsenais de Marinha e sua inserção na reforma naval pombalina do Império marítimo português (1750/1777)*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – IFCS/UFRJ, 2009.

MALVASIO, N. P. L. Combates ao sul: as escunas e canhoneiras construídas no Arsenal de Marinha de Santos atuando na Guerra da Cisplatina. *Navigator*, pp.105-119, vol.08, nº16, 2012.

MARTINS FILHO, J. R. *A Marinha do Brasil na era dos encouraçados (1895-1910)*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MEDEIROS, F. S. de. *A liberdade de navegação do Amazonas (relações entre o Império e os Estados Unidos da América)*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

MEDRANO, L. I. Z. de. *A livre navegação dos Rios Paraná e Uruguay: uma análise do comércio entre o Império brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: 1989. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, 1989.

_____. "De imigrante a empresário: formação da empresa de navegação fluvial de Nicolas Mihanovich (1875-1919)". *História Unisinos*, vol.9, nº 3, pp. 198-210, 2005.

_____. "Imigração e trabalho: os italianos e a navegação fluvial no contexto platino (século XIX)". *Humanitas – Revista do ICH*, vol.1, nº 1, pp. 178-193, 1997.

MELLO NETO, U. P. "Naufrágio do Galeão português *Sacramento* – 1668". *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, vol. 87, pp.15-35, 1978.

_____. "O Galeão *Sacramento* (1668): um naufrágio do século XVII e os resultados de uma pesquisa de Arqueologia Subaquática na Bahia (Brasil)". *Revista Navigator*, nº 13, pp 7-40, 1976/1977.

MELLO, S. A. de. *O Arsenal de Marinha em Mato Grosso: projeto político de defesa nacional e disciplinarização do trabalho. Do planalto à planície pantaneira (1719-1873)*. Dourados: 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

MICELLI, P. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal séculos XV e XVI)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MOLET, C. *Na escuridão da noite... Autonomia e transgressão de cativos marinheiros nas ruas e becos da cidade do Rio Grande (1868-1870)*. Rio Grande: 2007. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Biblioteconomia e História/Universidade Federal de Rio Grande, 2007.

MUNIZ, T. de S. *O ouro do mar – do nascimento da pesca industrial da lagosta à Guerra da Lagosta (1955-1963): uma narrativa sócio-histórica marítima*. Fortaleza: 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 2005.

NASCIMENTO, A. P. do. *A ressaca da marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

_____. *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*. Campinas: 2002. Tese (Doutorado) – IFCH/Unicamp, 2002.

NEVES, B. *O Raid da Jangada São Pedro: pescadores, Estado Novo e luta por direitos*. Niterói: 2007. Instituto de Ciências Humanas/Universidade Federal Fluminense, 2007.

NEVES, Z. *Na carreira do Rio São Francisco: trabalho e sociabilidade dos vapozeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

_____. *Navegantes da integração: os remeiros do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

NOELLI, F. S. *et al.* Praia dos Ingleses 1: Arqueologia subaquática na Ilha de Santa Catarina, Brasil (2004/2005/2009). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, nº 19, p. 179-203, 2009.

_____. Praia dos Ingleses 1: Arqueologia subaquática na Ilha de Santa Catarina, Brasil (Parte 2). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 21, p. 293-314, 2011.

OLIVEIRA, D. S. de. *Cada barco uma história: Arqueologia Náutica de um barco galileu*. Laranjeiras: 2015. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Arqueologia/UFS, 2015.

OLIVEIRA, V. P. de. "Marinheiros no mundo do trabalho portuário de Rio Grande/RS (1835-1864)". *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, v.34, 2010.

_____. "Recrutamento e deserção na Armada Imperial brasileira: alguns apontamentos a partir da província do Rio Grande do Sul (Séc. XIX)". *Aedos*, vol.4, nº 10, pp.153-168, 2012.

_____. "Sobre o convés: marinheiros, marítimos e pescadores negros no mundo atlântico do Porto de Rio Grande/RS (século XIX)". In: *IX Encontro Estadual de História – Anais*. Porto Alegre, ANPUH-RS, 2008. Pp.01-09

OLIVEIRA, V. W. N. de. *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do Rio Paraguai 1917-1926*. Campo Grande: UFMS, 2005.

_____. *Nas Águas do Prata*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

- PAULA, E. S. de (Org.). "Portos, Rotas e Comércio". Anais do V Simpósio Nacional dos Professores de História. *Revista de História*, vol. XXXV, São Paulo, 1971.
- PEDRO, M. A. Os encouraçados. *Revista Marítima Brasileira*, vol.116, nº 1/3, pp. 99-125, 1996.
- PEREIRA FILHO, C. C. *Navios na costa: iconografia náutica da costa catarinense*. São Francisco do Sul: Associação dos Amigos do Museu do Mar, 1994.
- PEREIRA, E. C. *Vapores e canoas sobem e descem nas águas do Rio Grajaú: integração comercial e política entre São Luís e o Centro-Sul maranhense (1884-1929)*. São Luís, 2007. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão, 2007.
- PORTO, O. A. *Uma arqueologia da II Grande Guerra Mundial: Sergipe e os sítios de naufrágios*. Laranjeiras: 2010. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Proarq/UFS, 2010.
- RAMBELLI, G. *A arqueologia subaquática e sua aplicação à arqueologia brasileira: o exemplo do baixo vale do Ribeira de Iguape*. 1998. Dissertação (Mestrado em arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.
- _____. *Arqueologia subaquática do baixo vale do Ribeira*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, 2003.
- _____. "Entre o uso social e o abuso comercial: as percepções do patrimônio subaquático no Brasil". *Revista de História*, vol.27, nº 2, 2008.
- _____. "Preservação sob as ondas: a proteção do patrimônio subaquático no Brasil". São Paulo: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 33, 2007.
- _____. "Tráfico e navios negreiros: contribuição da Arqueologia Náutica e Subaquática". *Navegador*, v. 2, 2006.
- _____. *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Editora Maranata: 2002.
- RAMBELLI, G. et al. "A embarcação monóxila indígena de Bragança Paulista: uma análise arqueológica interdisciplinar". *Revista FESB*, vol. 01, nº 01, 2000.
- RAMBELLI, G.; FUNARI, P. P. A. "Patrimônio Cultural Subaquático no Brasil: algumas ponderações". *Praxis Archaeologica*, v. 2, pp. 97-106, 2007.
- RAMOS, F. P. "Naufrágios e obstáculos enfrentados pelas Armadas da Índia portuguesa: 1497-1653". São Paulo: *Humanitas*; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- REIS, J. J. et al. *Nas malhas do tráfico negreiro: alufá Rufino e o Atlântico Sul do século 19*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- RODRIGUES, J. "Arquitetura naval, textos e possibilidades de descrições dos navios negreiros". In: FLORENTINO, M. (org). *Tráfico, Cativo e Liberdade: Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp.79-123.
- _____. "Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (sécs. XVIII e XIX)". *Revista Brasileira de História*, vol.19, nº 38, 1999, pp.15-53.
- _____. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- SALES, E. *A imprensa e os heróis bronzeados da praia: a construção de uma imagem heroica dos pescadores cearenses durante o Estado Novo*. Fortaleza, 2005. Monografia (Bacharelado) – Universidade Estadual do Ceará, 2005.
- SAMPAIO, M. G. *Uma contribuição à história dos transportes no Brasil: a Companhia Bahiana de Navegação a Vapor (1839-1894)*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2006.
- SANTOS, C. M. "A Bahia no comércio português da Costa da Mina e a concorrência estrangeira". In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org). *Brasil: Colonização e Escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Parte IV, p. 221-238).

- SANTOS JÚNIOR, A. dos. *Arqueologia naval bélica: estudo de caso dos artefatos da região do Baixo São Francisco*. Laranjeiras: 2013. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Arqueologia/UFS, 2013.
- SILVA, B. R. da. *Das ostras, só as pérolas: arqueologia pública e arqueologia subaquática no Brasil*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
- SILVA, G. G. da. *Saveiros de Laranjeiras – SE: relatos do ponto de vista arqueológico, econômico, social e portuário no Vale do Cotinguiba-SE*. Laranjeiras, 2013. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Arqueologia/UFS, 2013.
- SILVA, L. G. (Org.) *Os pescadores na história do Brasil (Colônia e Império)*. Petrópolis: Vozes, Vol.1, 1988.
- _____. *A faina, a festa e o rito – Uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (séc. XVII ao XIX)*. Campinas: Papirus, 2001.
- SILVA, M. A. *Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SILVA, M. do C. G. da. *Rio Paraguai: o 'mar interno' brasileiro – Uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1999.
- SOUZA, A. V. *O processo de recrutamento indígena para a Marinha Imperial Brasileira: o caso de Pacatuba e a reação indígena (1822-1853)*. São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Educação e Ciências Humanas/UFS, 2002.
- SOUZA, C. C. R. *Identificação arqueológica de um naufrágio localizado no lamarão externo do porto do Recife, PE, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- _____. *Arqueologia Subaquática: identificação das causas de naufrágios nos séculos XIX e XX na costa de Pernambuco*. Recife, 2007. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- SOUZA, C. C. R.; TAVARES, A. A. C. "Recuperação da memória imagética de artefatos retirados de sítios de naufrágios no litoral de Pernambuco entre 1950 e 2000". *Navigator*. Rio de Janeiro, vol. 09, nº 18, pp. 109-118, 2014.
- TELLES, P. C. da S. *História da Construção Naval no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Estudos do Mar, 2001.
- TORRES, J. N. "O primeiro barco a vapor no Brazil". *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, ano XII, vol.31, 1905/1906.
- TORRES, R. "Mapeamento e caracterização dos sítios arqueológicos de naufrágio no litoral centro-sul do Rio Grande do Sul". In: *XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Livro de Resumos. São Paulo: Alprint, 2003.
- _____. *O estudo sobre a causalidade de acidentes marítimos no litoral do RS*. Rio Grande: 2001. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Oceanografia/Universidade Federal de Rio Grande, 2001.
- _____. "... e a modernidade veio a bordo: Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS". Pelotas: 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS: 2010.
- TORRES, R. O. et al. *Embarcações tradicionais da Lagoa dos Patos: canoa de pranchão – um resgate histórico*. In: *V ENCONTRO do Núcleo Regional Sul da SAB*, Rio Grande, Programação e Livro de Resumos. Rio Grande: Edigraf/FURG, 2006.
- VAL, S. dos S. "O navio híbrido o encouraçado e a geopolítica de seu tempo". *Revista Marítima Brasileira*, vol.127, nº 10/12, 2007.
- _____. "A Guerra do Paraguai e seu *aftermath*: nucleação tecnológica na Marinha do Brasil". *Navigator*. Rio de Janeiro, vol.11, nº 22, pp. 43-54, 2015.